

Amor

O amor para uns tem nome e endereço, para outros é um sentimento tão comum que vai e volta sem deixar qualquer saudade. Certas pessoas o confundem com o fogo da paixão e outras com a longevidade da ternura, mas para mim, simplesmente, não há como explicá-lo. É necessário que seja sentido e, quando isso acontece, o ser humano tem a sensação de que não lhe falta nada...

... E Clara finalmente veio ao mundo! Uma grande ansiedade tomava conta de todos e foi impossível conter as lágrimas, que rolavam, abundantemente, marcando os nossos rostos alegres. Chorei de felicidade. Chorei de esperança. Duas horas de cirurgia para que minha filha, tão miudinha, pudesse ser amparada e recebesse os cuidados necessários para manter acesa a chama de sua frágil vida.

Foi uma gestação complicada, mas desde o princípio aprendi a amar Clara. Um amor sublime que se multiplicou quando a vi pela primeira vez no ultra-som e tornou-se infinito quando o diagnóstico de uma possível má formação no seu pequenino cérebro foi indicado pelos exames pré-natais.

Nesse instante, senti-me a menor de todas as criaturas, mas ela necessitava que eu fosse o melhor dos abrigos, a mais perfeita proteção, que lhe provesse tudo, alimento, calor e, principalmente, amor. E eu a amei... Muito... Diferentemente de tudo que já amara até aquele instante.

Durante os seis primeiros meses da gravidez, dediquei-me integralmente à minha menina. Sussurrava-lhe palavras doces, com tanto carinho, que tinha a certeza de que me ouvia desde o primeiro momento, sentindo todo o meu amor. Um chute na minha barriga, por mais sutil que fosse, era comemorado como uma vitória e em nenhum momento deixei de pedir pela sua vida. Jamais desejei que fosse levada ao céu, como um anjo, antes mesmo de nascer, o que acabaria com todo o medo e a insegurança que sentia. Eu confiava na proteção divina, que tinha nos reservado uma missão difícil, uma prova de amor verdadeiro.

Naquela manhã chuvosa, finalmente pude ouvi-la. Um choro que parecia música aos meus ouvidos. Contemplei-a, como a mais bela visão que já tivera e toquei sua pele sensível, ainda incrédula de que tinha realmente chegado. Minutos, segundos, não sei dizer por quanto tempo tive minha filha nos braços, mas dei-lhe nessa hora todo o amor que uma pessoa é capaz de oferecer a outro ser humano.

No primeiro dia em que pude caminhar, fui ao seu encontro e, pelo vidro do berçário, à distância, acompanhei toda a atenção que lhe era dada. Isso me tranquilizava, porém um vazio tomava conta de mim toda vez que eu me lembrava do fato de não poder lhe dar o peito. Olhei, esperei, chorei, amei... O carinho na estufa, através de luvas, foi-me concedido poucas vezes e nesses breves encontros procurei transferir para Clarinha um sentimento de bem querer, que a fizesse desejar viver. E ela sobreviveu...

Passados três meses de cuidados mais do que especiais, recebi a notícia definitiva. Clara poderia finalmente ir para casa. Muito mais do que recebermos nossa filha, foi ela quem nos recebeu e sabíamos muito bem que era preciso completar, com o nosso amor, aquilo que não se desenvolvera durante a gestação.

A má formação cerebral era uma realidade, Clarinha era um bebê especial e se tornaria uma pessoa também especial, mesmo sendo normais todas as outras partes do seu corpinho. Durante o seu crescimento pude acompanhar cada obstáculo que ela enfrentou e vibrar, intensamente, a cada batalha vencida às custas de muito esforço.

Minha pequena tornou-se uma linda mocinha, alegre, cativante, apaixonante, e eu me considero a pessoa mais feliz do mundo, por tê-la, assim tão perto, com o seu jeitinho todo especial. Clara tornou-se a razão de nossas vidas e confesso que aprendi, com a sua luta constante pela vida, o que, para mim, é o verdadeiro significado da palavra amor.

Ah, filha como eu te amo!...

Vitor Fernandes